

---

# *ESCREVER O PASSADO: AS ESCRITAS DE SI NA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESPANHOLA*

---

José Veranildo Lopes da Costa Junior<sup>46</sup>

Josilene Pinheiro-Mariz<sup>47</sup>

**Resumo:** No campo dos estudos literários, as escritas de si levantam debates, por vezes, conflituosos acerca da construção narrativa em primeira pessoa, apontando para um complexo panorama de discussões teóricas. Destarte, este artigo, resultante de uma pesquisa de mestrado (COSTA JUNIOR, 2017), busca apresentar algumas considerações sobre a experiência da prática de escrita em primeira pessoa na sala de aula de língua espanhola, tendo como suporte a autobiografia *Vivir para contarla* (2007), do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Para tanto, a experiência aqui apresentada, fundamenta-se no conceito de ‘dever de memória’, de Paul Ricœur (2007), para quem as sociedades contemporâneas possuem um compromisso com o passado. Observamos que a complexidade da experiência com a abordagem das escritas de si na sala de aula se acentua quando consideramos o contexto de ensino de literatura em língua estrangeira. Contudo, esta experiência comprova que a não dissociação entre língua e literatura e uma abordagem metodológica, por assim dizer, mais adequada de textos literários na aula de língua, possibilita o trabalho com as escritas de si. Para estas reflexões, recorreremos às contribuições teórico-metodológicas de: Andrade Junior (2011), Brait (2000; 2010), Pinheiro-Mariz (2008; 2015), entre outros estudos.

**Palavras-chave:** Autobiografia. Escritas de si. Sala de aula de Língua Espanhola.

**Resumen:** En el campo de los estudios literarios, las escrituras del yo presentan debates, a veces, conflictivos acerca de la construcción narrativa en primera persona, señalando para un complejo panorama de discusiones teóricas. Así, este artículo, resultante de una investigación de maestría (COSTA JUNIOR, 2017) busca presentar algunas consideraciones sobre la experiencia de la práctica de escritura en primera persona en la clase de lengua española, teniendo como soporte la autobiografía *Vivir para contarla* (2007), del escritor colombiano Gabriel García Márquez. Para tanto, la experiencia aquí presentada, se fundamenta en el concepto de “deber de memoria”, de Ricœur (2007), para quien las sociedades contemporáneas poseen un compromiso con el pasado. Observamos que la complejidad de la experiencia con el abordaje de las escrituras del yo en el aula se acentua cuando consideramos el contexto de enseñanza de literatura en lengua extranjera. Sin embargo, esta experiencia comprueba que la indisociabilidad entre lengua y literatura y un abordaje metodológico, por así decir, más

---

<sup>46</sup> Doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN); Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (POSLE/UFCG).

<sup>47</sup> Doutora em Letras (Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos) pela Universidade de São Paulo (USP).

adecuado de textos literarios en la clase de lengua, posibilita el trabajo con las escrituras del yo. Para estas reflexiones, utilizamos las contribuciones teórico-metodológicas de: Andrade Junior (2011), Brait (2000; 2010), Pinheiro-Mariz (2008; 2015), entre otros estudios.

**Palabras clave:** Autobiografía. Escrituras del yo. Clase de Lengua Española.

### **Ponto de partida**

O debate sobre as escritas de si é um complexo campo de discussões que envolve intersecções múltiplas entre ser ou não ser literatura, realidade e ficção, autobiografia e autoficção, entre outras. Assim, a teoria literária tem se debruçado sobre as novas formas de falar de si no mundo contemporâneo, buscando compreender o fenômeno das escritas do “eu” na atualidade a partir de inúmeras intersecções porosas.

Neste artigo, não propomos teorizar acerca de conceitos para as escritas em primeira pessoa; entretanto, basta-nos dizer que compreendemos as escritas de si como um fenômeno recorrente na literatura ocidental – assim como nas artes contemporâneas – que exprime a subjetividade humana através da prática de autoexposição dos devaneios do próprio “eu”.

Nosso objetivo centra-se em discorrer sobre uma experiência de escrita de si na sala de aula de língua espanhola<sup>48</sup>, apresentando alguns resultados de uma pesquisa de mestrado (COSTA JUNIOR, 2017) realizada com alunos do curso de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola de duas Universidades publicadas localizadas no estado da Paraíba.

Recorrendo aos estudos sobre a didática no ensino de línguas estrangeiras, observamos a existência de uma dicotomia entre língua e literatura (ANDRADE JUNIOR, 2011, BRAIT, 2000; 2010; PINHEIRO-MARIZ, 2008; 2015), que potencializaria a abordagem do texto literário em sala de aula como um mero expoente da língua estudada. Contrários à tal perspectiva, acreditamos nas potencialidades do trabalho com a literatura na sala de aula de línguas estrangeiras para promover uma sala de aula intercultural, assim como uma aprendizagem contextualizada.

---

<sup>48</sup> A pesquisa de Costa Junior (2017) foi aprovada pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil, com parecer consubstanciado do CEP número: 1.446.876

Nesse sentido, este artigo oriundo de nossas reflexões sobre a temática, aponta para a complexidade da abordagem das escritas de si no âmbito do ensino de língua espanhola, tendo como ponto de partida a autobiografia *Vivir para contarla* (2007), do escritor colombiano Gabriel García Márquez, para incentivar a leitura literária, a prática de escrita em primeira pessoa e a reconstrução do passado.

Metodologicamente este trabalho encontra-se dividido em três seções. Na primeira seção intitulada *O eu-outro: construindo uma sala de aula intercultural*, apresentamos algumas discussões sobre a interculturalidade no contexto de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e das escritas de si como suporte para o reconhecimento das singularidades do “outro”. Em *O estudante de Letras e o texto literário: uma relação de intimidade?* apresentamos alguns dados oriundos da experiência literária com os estudantes de língua espanhola. Na sequência, discorreremos acerca da nossa proposta metodológica e analisamos duas narrativas produzidas por estudantes na seção intitulada *As escritas de si na sala de aula de língua espanhola*. Por fim, apresentamos algumas conclusões a partir das ponderações que deixamos registradas neste artigo.

### **O eu-outro: construindo uma sala de aula intercultural**

Das inúmeras discussões sobre as escritas de si na contemporaneidade, uma das ideias cunhada pelo filósofo e um dos maiores pensadores do século XX, o francês Paul Ricœur em *A memória, a história e o esquecimento* (2007), diz respeito ao chamado ‘dever de memória’ das sociedades contemporâneas com o passado para que as novas gerações conheçam as recordações e as memórias vividas em tempos distantes.

O compromisso de memória sustentado pelo crítico francês mostra-se, ao nosso ver, como um importante aspecto que pode ser abordado na sala de aula de línguas, quando se tem o objetivo de promover uma aprendizagem contextualizada e intercultural. Nesta perspectiva, compreender este conceito significa considerar que uma história narrada possui várias versões sem, no entanto, esquecer que algumas delas são silenciadas pela voz do opressor.

Na contemporaneidade, o ‘dever de memória’ é essencial para narrar o outro lado da história que não foi contado, como por exemplo, no caso da autobiografia *Vivir para contarla*

(2007), abordada nesse estudo como suporte literário para a leitura das escritas de si em língua espanhola, em que o compromisso de memória do escritor Gabriel García Márquez se materializa quando tenta fixar uma verdade sobre o episódio conhecido como *La masacre de la bananera*, que matou, segundo informações contidas na própria autobiografia, um número flutuante de 3 mil trabalhadores.

Sobre a dicotomia eu-outro, Luiz Ruffato proferiu um importante discurso na abertura da Feira do Livro de Frankfurt, no ano de 2013, em que refletiu sobre um dos maiores dilemas da sociedade contemporânea. Nas palavras do escritor:

O maior dilema do ser humano em todos os tempos tem sido exatamente esse: o de lidar com a dicotomia eu – outro. Porque embora a afirmação de nossa subjetividade se verifique através do reconhecimento do outro – é a alteridade que nos confere o sentido de existir, o outro é também aquele que pode nos aniquilar. E se a humanidade se edifica neste movimento pendular entre agregação e dispersão, a história do Brasil vem sendo alicerçada quase que exclusivamente pela negação explícita do outro, por meio da violência e da indiferença. (RUFFATO, 2013).

A partir dessa assertiva do romancista mineiro, não há como dissimular o impacto que ela nos causa enquanto professores de línguas estrangeiras (LE), pois na nossa experiência, enquanto profissionais de Letras, percebemos que a alteridade é uma das problemáticas mais complexas no contexto de ensino de línguas estrangeiras, pois interagimos e ensinamos a língua e a cultura do outro.

Logo, não podemos passar incólumes por essa vivência de ensinar a língua/cultura do outro, pois não se trata de uma atividade exatamente simples, uma vez que na sala de LE, convivemos não somente em uma tentativa de homogeneidade em uma real heterogeneidade; mas, ensinamos uma língua/cultura que não é a nossa e, portanto, convivemos com o que Ruffato (2013) chamou de “O maior dilema do ser humano em todos os tempos”. Então, o nosso objetivo, enquanto professores, é sempre permitir que o nosso aprendiz leia, estude, encontre certo prazer na aprendizagem, além de “estimular a reflexão a esse respeito, não apenas favorecendo a aquisição de línguas e culturas estrangeiras, mas também no intuito de conciliar aula de língua com o ensino da literatura”, (PINHEIRO-MARIZ, 2015, p. 77).

Todavia, a nossa função vai além, pois é nosso papel conduzir o nosso aluno à leitura literária na LE e, então como levá-los a encontrem prazer na leitura de uma obra literária, se o “domínio” da língua não seria suficiente para instigar o prazer, como nosso sinalizou Barthes (1973)? Por isso, não se pode tratar do ensino da literatura, no contexto do ensino de um LE, como se fosse algo tão simples, quanto comum. Entendemos essa conjuntura, conforme nos aponta Pinheiro-Mariz, (2015, p. 77), ao afirmar: “um elemento que nos parece mais proeminente é que, nesse lugar, trabalha-se com o outro; na língua do outro, aquela língua discutida pelo filósofo Derrida (1996), aquele outro, estrangeiro no dizer de Kristeva (1988)”.

Assim, para o professor de LE cabe buscar caminhos que permitam uma harmoniosa convivência entre esse “eu-outro”. E nesse sentido, as escritas de si configuram-se em uma importante ferramenta didática para a abordagem da literatura, pelos caminhos da interculturalidade e para o reconhecimento da singularidade humana.

A leitura literária apresenta-se como um insubstituível caminho para a abordagem da interculturalidade, podendo redundar no desenvolvimento de um trabalho metodológico pautado na busca de uma harmoniosa convivência entre “eu” e o “outro” na sala de aula. Para esse fim, as escritas de si e, por consequência, o reconhecimento do “eu” e do “outro” pode ser eficazmente trabalhado também para a escrita literária.

Aqui, cabe-nos destacar que a literatura possui muito mais que uma função educacional, um ofício para a vida humana e para a coletividade social. A literatura, então, transita em um território ambivalente, pois ao passo que o texto literário possibilita o contato com a realidade do “outro”, o “eu” se modifica em um movimento proporcionado pela interculturalidade. Pinheiro-Mariz (2008) reforça a importância de aprender uma língua estrangeira para ampliar as fronteiras culturais:

Sabe-se que a grande importância de se estudar uma língua estrangeira (LE) reside principalmente no fato de ela ampliar, para além das fronteiras culturais e da visão do mundo, as possibilidades na vida contemporânea, no mercado profissional, por exemplo. Esse estudo está ligado a algo essencial na vida: *propicia a descoberta de si e do outro*. Por isso, estudar uma LE é um exercício de alteridade, é trilhar caminhos até então desconhecidos, é, portanto, *a aventura de tornar-se outro*. (PINHEIRO-MARIZ, 2008, p. 17 *grifo nosso*).

A descoberta de si e do outro, além da aventura de tornar-se outro, nesse caso, diz respeito ao caráter multicultural proporcionado pela aprendizagem de uma língua estrangeira. Entretanto, essa ideia sustentada por Pinheiro-Mariz (2008) pode ser também direcionada a uma das funções da literatura, como afirma a estudiosa:

É nessa perspectiva que surge o texto literário como uma das formas mais férteis para viver essa experiência em um mundo diferente, em função de sua literariedade. Como documento autêntico, destituído de intenção pedagógica, esse texto contribui para o tratamento não somente de questões da língua ou da literatura; mas, estimula também a troca de fatores interculturais. (PINHEIRO-MARIZ, 2008, p. 17).

Reforçando essas e em sintonia com a nossa proposta metodológica, Andrade Junior (2008) sugere pensar que a escrita literária é um importante exercício de alteridade e de reconhecimento das singularidades do outro. Segundo o autor:

Será curioso verificar que esse tipo de relação simultaneamente conflituosa e produtiva, em termos de questionamento da identidade com uma segunda língua, pode ser um ponto de interesse não só para as análises linguísticas e discursivas da produção oral e escrita de estudantes em classes de LE, mas também para a reflexão sobre o ato de escrever poeticamente utilizando uma outra língua. (ANDRADE JUNIOR, 2008, p. 121 *grifo nosso*).

É importante lembrar que as contribuições metodológicas apresentadas até aqui refletem sobre a alteridade e o reconhecimento das singularidades do outro através da literatura e, de certo modo, da escrita literária. Essa perspectiva fundamenta-se nos estudos sobre a interculturalidade na formação de professores de línguas estrangeiras. Nesse sentido, Serrani (2005) sugere pensar no termo ‘interculturalista’ aplicado à formação docente, proporcionando ao professor a realização de práticas de mediação sócio-cultural em sala de aula. A autora sustenta que: “é bom lembrar que até para que a língua seja um bom instrumento é preciso considerá-la muito mais do que um mero instrumento. Ela é matéria prima da constituição identitária.” (SERRANI, 2005, p. 29).

Destarte, acerca dos cursos de formação de professores de línguas estrangeiras no Brasil, concordamos com Brait (2000) que nos revela a formação de uma arcaica divisão entre língua e literatura, de modo que essa dicotomia é uma das principais responsáveis pela abordagem do

texto literário como um mero exemplificador de questões linguísticas. Essa problemática da divisão da área de Letras em estudos linguísticos e literários aponta para a formação de uma ideologia que separa os profissionais de Letras ao dividi-los em duas grandes categorias, sem que, por vezes, lhes seja dada a oportunidade de refletir sobre os pontos de convergências e os inúmeros diálogos entre os estudos de língua e literatura.

É necessário destacar que o profissional de Letras não se debruça exclusivamente sobre os estudos linguísticos ou literários, mas sim nos estudos a respeito das inúmeras manifestações da linguagem na vida social, como o cinema, o grafite, as artes plásticas, a literatura, a língua, a linguagem não verbal, dentre outras formas de significar e existir em um mundo cada vez mais diversificado. E a partir deste olhar, Brait (2000) discorre sobre a formação de uma dicotomia entre língua e literatura:

O que se pode tirar dessa generalização é que a oposição binária língua-literatura perde inteiramente seu significado quando olhamos essas duas criações humanas a partir de um conceito mais amplo de linguagem, envolvendo as particularidades da língua e possibilidades de exploração e utilização dessas particularidades, considerando, repito, as formas de produção e circulação dos discursos numa dada comunidade e num dado momento, as particularidades das interações, o poder de construção da linguagem e não apenas de representação, informação e expressão. (BRAIT, 2000, p. 197).

Dessa forma, considerando as últimas duas décadas, percebemos que as reflexões sobre a relação entre língua e literatura têm suscitado debates inquietantes, por esse motivo também essa problemática é um atual campo de importantes questionamentos. Santoro (2007, p. 11), por exemplo, sustenta que é necessária a união entre essas duas áreas do saber, de modo que “língua e literatura constituem um binômio inseparável, visto que a língua não seria possível sem a literatura e a literatura não seria possível sem a língua”. A pesquisadora sugere considerar uma integração entre língua e literatura, pois:

Língua e Literatura são, contudo, ainda hoje, em muitas situações, domínios separados, são tratadas como disciplinas separadas, e, portanto, ensinadas e estudadas sem estabelecer contatos ou criar ligações. Embora unidas em nomes de cursos universitários e pronunciadas como sintagma coeso e sólido em tantas ocasiões, língua e literatura permanecem ainda, na maior parte dos casos, dois campos separados do saber e, tanto nas escolas, quanto nas universidades, uma efetiva integração até hoje ainda não se realizou. (SANTORO, 2007, p. 11).

Também sob essa ótica, Andrade Junior (2011, p. 80) reconhece que no Brasil, o texto literário ainda não encontrou espaço na formação do profissional de Letras e lança algumas reflexões sobre o lugar do texto literário nos currículos dos cursos de Licenciatura, apontando para a emergência de uma não dissociação entre língua e literatura.

Considerando, portanto, a nossa discussão teórico-metodológica, acreditamos que o diálogo entre ensino de língua estrangeira, abordagem intercultural, texto literário e as escritas de si, promovem uma aprendizagem intercultural baseada no descobrimento das singularidades do outro, de modo que “pode ainda promover o respeito ao próximo e à cultura, estimulando o pensamento: “Não sou melhor, nem pior que o outro...!” (PINHEIRO-MARIZ, 2008 p. 531).

### **O estudante de Letras e o texto literário: uma relação de intimidade?**

Ao longo do desenvolvimento da nossa intervenção (COSTA JUNIOR 2017), aplicamos um questionário inicial junto aos estudantes oriundos da Licenciatura em Letras – Língua Espanhola de duas universidades públicas localizadas no Estado da Paraíba, a fim de conhecer o público participante da nossa proposta e traçar um diagnóstico sobre a experiência literária em língua espanhola.

Para a intervenção, realizamos um curso de extensão voltado para as escritas de si, ofertado para estudantes dos cursos de licenciatura acima mencionados. Nossa proposta de intervenção metodológica, baseada na premissa de que língua e literatura são instâncias indissociáveis, teve como objetivo incentivar a leitura literária em língua espanhola, a partir da autobiografia *Vivir para contarla* (2007), do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Além do mais, objetivávamos, muito especialmente, discutir noções relacionadas ao ‘dever de memória’ (RICŒUR, 2007), para incentivar a escrita em primeira pessoa na língua espanhola, com o fim de contribuir para as narrativas de reconstrução do passado dos participantes.

Neste artigo, portanto, discutimos algumas das respostas dos estudantes, a partir dos questionários e também refletiremos sobre alguns dados obtidos através deste questionário respondido por 16 estudantes de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola sobre sua(s) experiência(s) com a leitura literária nos seus cursos de graduação.

Quando questionados sobre a abordagem do texto literário na sala de aula ao longo da formação, os alunos responderam ao seguinte questionamento: *Nas aulas de língua espanhola, o texto literário é utilizado para...*

**GRÁFICO 01:** Abordagem do texto literário na sala de aula de Língua Espanhola



**FONTE:** Gráfico elaborado pelo(s) pesquisador(es)

Os dados obtidos no gráfico 01 ilustram a dicotomia operada nos cursos de Letras a partir da divisão entre língua e literatura, na qual se pode perceber que o texto literário é frequentemente abordado, segundo os participantes, para trabalhar a gramática da língua estudada. Logo, nesta perspectiva, o potencial e as inúmeras possibilidades para a abordagem do literário em sala de aula é desconsiderado, tornando a literatura em um exemplificador de questões linguísticas.

Em seguida, os estudantes responderam à seguinte pergunta: *Você se sente preparado para trabalhar o texto literário na aula de Língua Espanhola?* Os dados, abaixo, apontam para duas problemáticas. A primeira diz respeito à ausência de preparação metodológica para a abordagem do texto literário na formação de futuros professores; e, a segunda sinaliza que eles tiveram pouco contato com a literatura nos seus cursos de licenciatura em Letras.

**QUADRO 01:** Visão dos estudantes sobre preparação para o trabalho com o texto literário na aula de língua espanhola

**Resposta 1: Você se sente preparado para trabalhar o texto literário na aula de Língua Espanhola?**

a- Você se sente preparado para trabalhar o texto literário na aula de Língua Espanhola?  
Sim ( ) Não (X) Justifique sua resposta explicitando a razão pela qual você (não) se sente preparado para trabalhar com a literatura na sala de aula de Língua Espanhola:

*Ate' o dado momento não tivemos nenhuma leitura espanhola para discussões em sala de aula.*

**Resposta 2: Você se sente preparado para trabalhar o texto literário na aula de Língua Espanhola?**

a- Você se sente preparado para trabalhar o texto literário na aula de Língua Espanhola?  
Sim ( ) Não (X) Justifique sua resposta explicitando a razão pela qual você (não) se sente preparado para trabalhar com a literatura na sala de aula de Língua Espanhola:

*Não pois como vimos pouco conteúdo literário, não me sinto preparada(o) para trabalhar com tal.*

**Resposta 3: Quais livros literários em Língua Espanhola você leu no curso de Letras/Língua Espanhola?**

a- Você se sente preparado para trabalhar o texto literário na aula de Língua Espanhola?  
Sim ( ) Não (X) Justifique sua resposta explicitando a razão pela qual você (não) se sente preparado para trabalhar com a literatura na sala de aula de Língua Espanhola:

*não me sinto preparada para trabalhar textos literários na aula de língua espanhola, porque não obtive nenhum contato direto com livros literários.*

FONTE: Quadro elaborado pelo(s) pesquisador(es)

O que se pode compreender, de modo geral, é que a relação do estudante de Letras com a Literatura é por vezes, elementar. Nesse contexto, espera-se, minimamente, que esse estudante seja um leitor proficiente de literatura; todavia, o que foi percebido nesta pesquisa, é que relação do estudante de licenciatura com a obra literária é bastante discreta, o que pode ser entendido como um reflexo de uma didática que está presente nas aulas de língua espanhola, resultando na dicotomia entre língua e literatura. Tal procedimento, no nosso entender, pode não ser uma realidade localizada e sim, um comportamento que pode estar presente em diversas salas de

aulas de formação de professores de ELE e não apenas nas universidades às quais tivemos acesso.

### **As escritas de si na sala de aula de língua espanhola**

Conhecendo a realidade concernente à prática de leitura literária em aula de ELE, na formação de futuros professores da língua, oferecemos o curso de extensão em escritas de si, com carga-horária de 60 hora. Tal curso foi dividido em três momentos: o primeiro referia-se à leitura literária e à formação de professores de línguas estrangeiras. Nesse momento, oferecemos leituras e discussões de textos teórico-metodológicos que apontam para a abordagem do texto literário em sala de aula, partindo da integração entre língua e literatura.

Em um segundo momento do curso, realizamos a leitura de excertos previamente selecionados da autobiografia *Vivir para contarla* (2007) e de um excerto de *Cien años de soledad* (2014)<sup>49</sup> para focalizar na narração do episódio que ficou conhecido na Colômbia como *La masacre de la bananera*.

No último momento do curso, realizamos alguns exercícios de escrita literária em primeira pessoa, refletindo sobre a memória e as estratégias para narrar o passado. Para ilustrar os exercícios em primeira pessoa realizados em sala de aula, analisamos a seguir duas dessas pequenas narrativas:

#### **QUADRO 02:** Narrativa produzida por estudante 01

Mi primera vez...

Mi primera vez fue muy especial, no esperaba sentir algo así, pero sabia que seria una sensación diferente. Fue un largo tiempo de espera por esto, contaba los días para este momento llegar. Finalmente llegó el día, sucedió en mi habitación, era día y yo ainda estaba dormindo cuando él llegó, en silencio se metió en mi cama y fue bajo de mi edredón. Sentí en mi cuerpo una superficie fría y luego me estremecí. Cuando abri los ojos, estabas me mirando con sus ojos brillantes. Sin pensar, te agarré y empecé a besarte allí mismo. Este fue el día más feliz de mi vida, porque fue la primera vez que mis padres me dieron un perro.

**FONTE:** Quadro elaborado pelos pesquisadores.

---

<sup>49</sup> A obra original foi publicada em 1967. Entretanto, optamos por citar a edição da obra consultada.

A narrativa produzida pelo estudante, no quadro 02, ainda que contenha algumas inadequações linguísticas, poderia figurar em uma antologia de micronarrativas em primeira pessoa, dada a qualidade da produção narrativa que sugere pensar na narração da primeira relação sexual do narrador, quando na verdade, trata-se do dia em que o personagem/autor teria recebido de presente um cachorro.

Na sequência, apresentamos a segunda narrativa analisada neste estudo:

**QUADRO 03:** Narrativa produzida por estudante 02

Un día en mi vida...

Un día en mi vida estuve en la España con él jugador de fútbol del time Real Madrid. Sí, Cristiano Ronaldo. És un hombre muy guapo y maravilloso. Estabamos enamorados un del otro, pero pienso que él no estaba tan enamorado así. El día podría ser lo mejor de mi vida, pero él me enganó y me dejó esperandolo sola y salió con un panicat que tenía un cuerpo escutural. Lloré mucho y até hoy tengo odio desto día, pero ainda lo amo y se él me llar de nuevo, salgo con él porque lo amo así mismo.

**FONTE:** Quadro elaborado pelo(s) pesquisador(es)

A ficção parece ser uma das estratégias utilizadas pelo estudante 02 que narra um dia em que esteve na Espanha em um encontro amoroso com o jogador de futebol Cristiano Ronaldo. Este texto, assim como o anterior, contém inadequações linguísticas que por vezes, dificultam a fluidez da leitura, entretanto, ambos os textos apontam para o jogo das escritas de si entre a construção de textos escritos em primeira pessoa e textos autoficcionais, nos dizeres de Colonna (2014).

A partir das narrativas escritas pelos estudantes, pudemos perceber que uma perspectiva intercultural para o ensino de língua espanhola foi essencialmente estimulada a través das escritas de si, em que notamos, além do mais, uma motivação dos alunos para com a leitura literária e, sobretudo, para os exercícios de escrita pautados na reconstrução de suas próprias histórias de vida.

### **Algumas conclusões**

Neste artigo, apresentamos algumas discussões sobre o caráter intercultural que se encontra na tríade entre a aprendizagem de uma língua estrangeira – a leitura literária – e as escritas de si, como ferramentas que possibilitam a construção de uma sala de aula que reconhece as singularidades do outro, a partir da interculturalidade.

A partir da coleta de dados (COSTA JUNIOR, 2017), pudemos perceber que existe uma dicotomia entre língua e literatura nos cursos de formação de Letras. Contudo, preocupa-nos o fato de que, a partir dos questionários respondidos por alunos do curso de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola de duas universidades públicas, estes estudantes que poderiam ser leitores proficientes, afirmam possuir pouco contato com o texto literário no meio universitário.

Este panorama aponta para, pelo menos, duas problemáticas complexas: a primeira diz respeito ao fato de que os alunos não se sentem preparados para a abordagem do texto literário na sala de aula, o que pode ser entendido pela ausência da literatura nas aulas em contexto universitário. O segundo aspecto, parece ter relação com a formação docente nos dois cursos de Licenciatura em Letras citados, nos quais percebemos uma consolidada dicotomia entre língua e literatura, o que resulta na formação com lacunas literário-linguísticas-metodológicas no perfil do profissional de Letras formado nessas duas instituições de ensino superior.

Para contribuir com a formação destes estudantes, oferecemos um curso de extensão em escritas de si dividido em três módulos. O curso resultou na produção de alguns exercícios de escrita em primeira pessoa. Desses dados, pudemos observar que a abordagem adequada de textos literários na sala de aula pode ser uma ferramenta didática que possibilita a construção de uma sala de aula intercultural, pautada no descobrimento do “outro” através das escritas de si.

Não obstante toda essa conjuntura, esperamos que a reflexão proposta neste artigo possa, de alguma forma, ser um incentivador para que professores de línguas estrangeiras abordem o texto literário em sala de aula, podendo estimular, por exemplo, as escritas de si, a partir de uma visão intercultural e contextualizada. Além do mais, esperamos poder contribuir com a atual e necessária discussão sobre o espaço que o texto literário ocupa nos cursos de Licenciatura em Letras, com o objetivo de possibilitar efetivas experiências com a literatura no contexto de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

## ANEXO(S)

### Mi primera vez...

Mi primera vez fue muy especial, no esperaba sentir algo así, pero sabía que sería una sensación diferente. Fue un largo tiempo de espera por esto, contaba los días para este momento llegar. Finalmente llegó el día, sucedió en mi habitación, era día y yo aún estaba dormido cuando él llegó, en silencio se metió en mi cama y fue lejos de mi alrededor. Sentí en mi cuerpo una superficie fría y luego me estremecí.

Cuando abrí los ojos, estabas me mirando con tus ojos brillantes. Sin pensar, te agarré y empecé a besarte allí mismo. Este fue el día más feliz de mi vida, porque fue la primera vez que mis padres me dieron un beso.

### Un día en mi vida.

Un día en mi vida estuve en la España con el jugador de fútbol del time Real Madrid. Sí, Cristiano Ronaldo. Es un hombre muy guapo y maravilloso. Estábamos enamorados un del otro, pero pienso que él no estaba tan enamorado así. El día podría ser lo mejor de mi vida, pero él me engañó y me dejó esperándolo sola y salió con una panica que tenía un cuerpo escultural. Lloré mucho y até hoy tengo sedis deste día, pero ainda lo amo y se él me llamar de nuevo, salgo con él porque lo amo así mismo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE JUNIOR, Antonio Francisco de. Letramento literário e formação de professores de língua estrangeira. **EntreLetras: Revista do curso de Mestrado de Língua e Literatura da UFT**, 2011.

\_\_\_\_\_. Literatura e Espanhol: a questão da alteridade. Niterói: **Revista Gragoatá**, 2008.

BRAIT, Beth. Língua e literatura: uma falsa dicotomia. **Revista ANPOLL**, 2000.

\_\_\_\_\_. Língua e literatura: saber com sabor. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, 2010.

BARTHES, Roland. **Le plaisir du texte**. Paris: Seuil, 1973.

COLONNA, Vincent. Tipologia da autoficção. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org). **Ensaios sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COSTA JUNIOR, José Veranildo Lopes da. **Lembrar para não esquecer: memória, história e ficção em aula de língua espanhola**. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Vivir para contarla**. Buenos Aires: Debolsillo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cien años de soledad**. Barcelona: Debolsillo, 2014.

RUFFATO, Luíz. **Leia a íntegra do discurso de Luiz Ruffato na abertura da Feira do Livro de Frankfurt**. Folha de S. Paulo, São Paulo, Cultura, 2013. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2017.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PINHEIRO-MARIZ, Josilene. Reflexões a respeito da abordagem do texto literário em aulas de Francês como Língua Estrangeira (FLE). Recife: **Eutomia – Revista de Literatura e Linguística**, 2008.

PINHEIRO-MARIZ, Josilene. Percepções sobre Ensinar Literatura no Âmbito do Ensino de Línguas Estrangeiras (LE). **Revista Todas as Letras**. MACKENZIE: São Paulo, v. 17, p. 72-84, 2015.

SANTORO, Elisabetta. **Da indissociabilidade entre o ensino de língua e literatura: uma proposta para o ensino de italiano como língua estrangeira em cursos de Letras**. Doutorado em Letras – Universidade de São Paulo, 2007.

SERRANI, Silvana. **Discurso e cultura na aula de língua / cultura – leitura – escrita**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org). **Ensaios sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Recebido em 05/05/2017. Aceito em 21/06/2017.